

SOBRE NAVIOS E AVIÕES[®]

Por Homero Reis, M.Sc.

A Jean-Cristophe Mérer,
que tem no peito um oceano a navegar
e um Sabiá para fazê-lo.
Floresta amazônica, Brasil, 10/07/2009.



O mundo vai acontecendo e a gente vai acontecendo junto. São a pressa e a velocidade dos tempos modernos. São tantas coisas para fazer, que os acontecimentos passam sem que nos apercebamos do sentido que trazem para a vida. A questão do tempo – ou da falta dele – é a maior queixa de todos os executivos. *“Não tenho tempo para isso. Minha agenda está lotada. Gostaria que o dia tivesse 36 horas”*. Essas e outras declarações semelhantes habitam as falas da maioria absoluta dos executivos modernos. Por outro lado, são

oferecidas dezenas de programas de treinamento em gestão do tempo e parece que nada é capaz de dar uma solução definitiva para a falta dele. O mais impressionante em tudo isso é que, embora haja uma honesta intenção de resolver o problema, o foco parece-me está equivocado. A questão do tempo não é um problema de logística na distribuição de tarefas, em função dos minutos disponíveis em um dia. Tempo é um problema ligado à emocionalidade ou ao nível de maturidade emocional. Ter ou não ter tempo diz respeito ao modo como me relaciono com as coisas e com as pessoas.

Foi pensando nisso que um amigo falou-me do oceano e do navegar. Coisa poética de quem tem peito de remador, cheiro de maresia e olhar no horizonte. Daí, passei a refletir sobre essa imagem e foi refletindo, que pensei em como a gestão do tempo pode ser construída a partir de uma metáfora sobre navios e aviões.

Criamos muitas coisas para ganhar tempo – telefones, celulares, fax, internet e outras tantas, só para falar das “modernas”. Sempre com o objetivo de ganhar tempo. Ironicamente, o que menos temos, nos dias de hoje, é tempo.

No entanto, meu estado emocional pode ser comparado aos aviões – fruto dos tempos modernos: velozes, cada vez mais tecnologicizados, desafiam as leis da natureza e impõem-se nos céus. Por estas características, nos ligam facilmente de um ponto a outro. Cumprem a demanda da rapidez. Os aviões atendem a demanda de quem julga o tempo como uma questão de tarefas por minuto. Aviões para quem não tem tempo. Saímos de um lugar a outro sem ver o caminho, sem perceber a estrada, sem contemplar a jornada. Trancamo-nos no corpo metálico e voamos. As coisas passam lá fora e a gente nem vê. Só interessa chegar. Queremos resultados.

Os navios, por sua vez, são lentos, morosos, demoram no caminho. São enormes e calmos. Para a eles, a vida não pode ter pressa. Tudo acontece com força e contemplação. No navio, vive-se enquanto se navega. É possível desfrutar o sol, as noites, as conversas. Tudo está lá e vai permanecer assim por muito tempo. O que se faz é viver, enquanto navega. No navio, temos que conversar, nos relacionar, porque a vida necessita desses espaços. Não há nada a fazer a não ser navegar. Céu e terra estão conectados e o tempo passa no ritmo das ondas. Posso observar cuidadosamente a vida e a natureza que me cerca. Posso integrar-me a ela sem a ansiedade de quem precisa chegar. Quem tem uma emocionalidade madura e focada descobre que não há necessidade de apressar o rio. Ele corre sozinho.

Quando atuamos a partir dos “aviões”, estamos vendo as coisas como se dependessem apenas de nós mesmos. Precisamos correr, porque não existem outras pessoas que cumprir o que fazemos. Há certa prepotência sobre a nossa importância. Alimentamos isso quase que inconscientemente. Julgamos ser insubstituíveis ou achamos que ninguém pode fazer as coisas tão bem como nós. Aí, a agenda fica abarrotada, porque não cabem tantas coisas por fazer.

Quando atuamos como “navios”, descobrimos que o tempo de contemplar é o tempo de construir futuros. Domenico de Masi estava certo ao falar do ócio criativo. Olhar os lírios do campo torna a vida menos estressada e nos permite desenvolver a generosidade e a gratidão.

Gratidão, pois ao contemplar descubro que estou cercado de possibilidades (pessoas e coisas), com as quais posso dividir minhas tarefas. Generosidade porque aprendo a compartilhar e a distribuir; a dar oportunidades e a ser oportunidade para os outros. Ver a vida do ponto de vista dos “navios” é enxergar a vida no ritmo das coisas naturais. Aí, a agenda comporta todas as atividades necessárias à vida e agrega a ela outras pessoas, outros níveis de relacionamento, outras oportunidades.

Quando descobrimos o tempo de contemplar, percebemos que sempre haverá o que fazer. A questão é escolha e prioridade. Não posso fazer tudo, logo devo ser capaz de escolher o que é relevante para mim e delegar aos outros aquilo que é relevante para eles. Capacitar outros, dando-lhes oportunidade de crescer e desenvolver é também uma responsabilidade emocional na gestão do tempo.

Isso me lembra um colega que trabalhava doze horas por dia e argumentava que estava construindo um futuro para sua família. Com isso, o tempo de relacionamento familiar era o menor possível. Desafiei-o a conversar com seu filho sobre isso. O garoto lhe disse: *"Pai, tudo o que eu quero é ter tempo com você. As coisas que você me dá logo ficam sem sentido, mas as coisas que fazemos juntos são sempre novas."* Isso fez com que meu colega mudasse a forma de ver a agenda. Temos deixado para segundo plano as coisas importantes da vida e, com isso, desaprendemos a conviver. Saímos do plano das relações para o plano da ação. Entramos num ativismo frenético, como se esta fosse a única maneira de viver. Acreditamos tanto no império das tarefas que desaprendemos o modo de nos relacionar. Não é sem sentido a crise relacional que vivemos.

O tempo de contemplar também me capacita em outra distinção ontológica: saber dizer não. Essa distinção me habilita a estabelecer limites, define caminhos e me assegura não ser invadido por escolhas que não são minhas. O tempo de contemplar sugere que há tempo para tudo e que nada ocorre o tempo todo.

Aviões e navios. Com os primeiros, chego rápido, mas perco o caminho. Com os outros, demoro um pouco mais, no entanto, descubro que a vida vale, não pelo lugar que se chega, mas pelo modo como se navega.

Gerir o tempo e a agenda é uma questão de desejo e maturidade relacional. Cada dia deve ser capaz de trazer consigo trabalho, realização, prazer e descanso. A isso chamo qualidade de vida.

Paz e vida longa!

Homero Reis; M. Sc.